

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVII Volume

20 de Outubro de 1904

N.º 929



JOÃO ROBY PEREIRA



CAPITÃO PINTO D'ALMEIDA



ALBINO CHARLOT



FRANCISCO DE REZENDE



MANUEL JOÃO DA SILVEIRA



CARLOS DA LUZ RODRIGUES



IGNACIO DOS SANTOS NUNES



ALBERTO FREIRE THEMUDO



ADOLPHO JOSÉ FERREIRA



ALONSO MATHIAS NUNES



ANTONIO TRINDADE



JOSÉ MARIA FERREIRA



ANTONIO PACHECO DE LEÃO

Os que morreram pela patria no revez d'Africa

Chronica Occidental

A semana havia sido para os políticos. Com a abertura das camaras, e as questões suscitadas pelas guerras no sul de Angola, e as financeiras, eram os politicos os heroes do dia.

Politiquemos, diziam os mais indifferentes. E discutiam-se os artigos dos jornaes e enchiam-se as galerias da camara para o discurso do sr. João Arroyo, com uns adornos de rhetorica, e a resposta do sr. Hintze, toda ella recortada nos melhores moldes parlamentares.

O que nem todos esperavam era que tão cedo chegassemos a um dos capitulos mais importantes da historia dos tabacos e phosphoros: a queda do ministerio.

Uns boatos, uns symptomas de crise, um estudo de caras pelos psychologos da politica, iam confirmando o que regeneradores diziam de cara de palmo, e progressistas — *facile creavimus quod volumus* — cantavam por todos os cantos da Arcada, de olho muito reluzente.

Para que não houvesse sessão na camara dos deputados, o ponteiro do relógio deu um salto das duas menos dez para as duas, e o sr. presidente mandando proceder á segunda chamada, declarou não haver sessão por falta de numero.

Entretanto chegavam muitos deputados e as suspeitas avolumadas definiram-se em certeza: O ministerio cahira!

Quando, perto das cinco horas, o sr. Hintze Ribeiro entrou na secretaria do reino, desfez as ultimas duvidas. O governo apresentára a El-rei a sua demissão, que fôra aceita.

Depois da proposta da Companhia dos Phosphoros haver sido apresentada ao parlamento, o sr. presidente do conselho pediu ao chefe do Estado lhe concedesse um adiamento das camaras para que o governo se habilitasse com o devido conhecimento do assumpto a discutil-o no parlamento. Entendeu El-rei não dever deferir ao pedido e o ministerio viu-se obrigado a pedir a demissão.

Uma coincidência curiosa: No mesmo dia, terça feira, dia aziago, em que o sr. Hintze abandonava o poder, recebeu de manhã, havendo-lhe sido impostas pelo sr. Barão Wedell Jarlsberg, ministro da Suecia e Noruega, as insignias da ordem dos Seraphins com que o agraciara El-rei da Suecia, Oscar II. Ordem dos Seraphins!... Parece que deve ser para voar alto, para subir... E foi n'esse dia a queda! E' caso para os futuros presidentes tomarem d'ora ávante cuidado com as muitas aguias de varias cores que giram muito alto pelo azul das honrarias.

Depois de algumas conferencias entre os srs. conselheiro José Luciano de Castro e Pereira de Miranda, visto o estado de saude do chefe do partido progressista, o sr. Pereira de Miranda, que sempre se mostrara relucante para a acceitação de qualquer pasta, acceitou agora a do reimo ficando o sr. José Luciano com a presidencia do conselho.

Como sempre succede, duas horas depois da primeira conferencia, já era enorme a lista de nomes citados para as diferentes pastas e para os logares de governadores civis dos districtos. Fervilhavam as opiniões e só n'um ponto eram todos concordes, na má herança que o sr. Hintze e seus collegas no ministerio, mau grado seu, deixaram aos progressistas que em hora muito difficil tomam conta do poder.

Não é somente a solução do Contracto dos Tabacos que vae desde já embaraçar os srs. Pereira de Miranda, Moreira Junior, Alpoim, Espregueira, Villaça, Eduardo José Coelho e Sebastião Telles; é tambem a questão de Africa, a vingança que é preciso tirar-se do desastre que em Angola soffreram as armas portuguezas.

Ha poucos dias, celebraram-se em Lisboa exequias solennes pelos que tão longe, no cumprimento d'um dever, derramaram o sangue por sua patria. Foi uma cerimonia solenne e dolorosa.

Pelo sentimento de piedade que nos inspira as desgraçadas victimas, melhor poderemos calcular o que não irá agora por todo o vastissimo imperio da Russia, onde tantas familias a estas horas choram entes queridos desaparecidos nos mais cruéis combates de que resa a historia moderna, ou vivem na mais angustiada das duvidas.

Os japonezes, segundo os ultimos telegrammas, caminham de victoria em victoria, semeando de cadaveres o chão da Mandchuria. Torna outra vez a falar-se da mediação da Allemanha, França e Inglaterra, mas, affirma-se, por outro lado, que a Russia pretende a victoria, seja á

custa de quantas mil vidas fôrem e de muitos milhões de rublos. Um horror! Com que direito se pretende assim enluctar um povo já de si tão desgraçado?

Nem o pensamento se pôde demorar muito na contemplação de tão pungentes quadros, mais dolorosos ainda depois de tantas apoloias da paz geral e quando nos lembra que um dos que mais por ella tanto se haviam interessados foi o proprio Czar d'Russia. Temos que muito mais pôde a fatalidade dos melhores desejos do coração.

O dô de que devem vestir-se os homens da côrte em S. Petersburgo deve ser ainda mais negro que o do rei de Hespanha pela morte de sua irmã, a Princeza das Asturias, e o do rei de Saxe pela morte de seu pae, Jorge da Saxonia, que foi marido da infanta D. Maria Anna de Portugal.

Por estas duas mortes está de luto a familia real portugueza, conforme declaração já publicada no *Diario do Governo*.

E parece-nos que já é tempo de falarmos em alguma coisa mais alegre. O outomno tambem tem suas flores e, porque o céu nos apparece mais carregado de nuvens, não deixam os chrysantos de florescer na terra. Até, por signal, no dia 23 se effectua na Real Sociedade Nacional de Horticultura uma exposição d'essas lindas flores, em diferentes secções, com diplomas, medalhas, menções honrosas e certificados de merito para os diferentes expositores.

Despedidas de verão lhes chamavam d'antes; alegremente o verão se despediu de nós enchendo de vinho as adegas. Foi pasmosa a colheita este anno e tamanha que todos os lavradores se queixaram da abundancia. Os preços estão baixissimos e por minimos preços foram vendidos os vinhos que ainda restavam do anno passado. O lavrador queixa se sempre e o taberneiro vende sempre o vinho pelo mesmo preço.

Lisboa vae-se animando a pouco e pouco. Só dois theatros ainda conservam suas portas fechadas: o de S. Carlos, que só para dezembro costuma accender suas luzes, e o de D. Maria, cuja companhia abriu sua época no Porto, apesar do grande transtorno que lhe fez o não terem vindo a tempo e horas do Brazil o actor Luiz Pinto e a actriz Angela.

D. Amelia promete nos para esta época innumeradas novidades. Para as primeiras dez recitas de companhias estrangeiras, que se realizarão entre 15 de novembro e 12 de dezembro, já a assignatura se acha aberta. Admiraremos mais uma vez a formosura de Jane Hadging, que vem acompanhada por Le Bargy e Grand; ouviremos depois Mounet-Sully que representará o Oedipo tyranno, o Hamlet e o Ernani; finalmente riremos com Polin, rei dos cancionistas, que será acompanhada por Paulette Darty.

Mais tarde, diz-se, visitar-nos-ha a incomparavel Susanne Desprez, que foi companheira do Antoine no seu ultimo giro pela America do Sul e que entre nós representou inolvidavelmente a *Blanchette*, a *Fille Elisa* e o *Poil de Carotte*. E' um dos maiores talentos do theatro moderno.

Para que nada falte no repertorio, para nos desenfatiar um pouco de farças, comedias, dramas e tragedias, de alexandrinos classicos e da prosa terra a terra dos dramas populares, tres concertos nos manda o Visconde de S. Luiz anunciar em seu theatro pelo grande artista Kubelik, o rei dos rabequistas.

Assim se nos annuncia um inverno menos máu. Devemos ainda acrescentar que no theatro de D. Maria tudo se prepara para que o *Rei Lear*, traducção em verso de Julio Dantas, seja posto em scena com o maior esplendor.

Que bom seria podermos fazer sobre outros assumptos o mesmo prognostico que sobre theatros, com o maior desejo de acertar, fazemos em vista de taes e tantas novidades!

João da Camara.

O revez d'Africa

Em todo o paiz foram procurados com ansiedade os pormenores d'essa catastrophe, de que ainda se desconhecem todas as suas minucias, mas que já reconstituem em parte esse episodio luctuoso que veiu dar á nossa historia colonial mais uma data digna de registo, por se comprovar que o brio dos nossos militares não demercedo as suas tradições gloriosas, e officiaes e soldados morreram pelejando pela patria dando as maiores provas de heroismo.

No parlamento e nas camaras municipaes de todo o paiz o mundo official, interpretando o sen-

tir de todos que se honram com o nome de portuguezes, consignaram nas suas actas as manifestações d'esse pezar que não podia ser nem mais real nem mais sincero.

Dizia-se que a expedição do sul de Angola contra os cuanhamas era a mais importante que tihamos feito em Africa.

Não se tratava de combater povos mal armados e mal defendidos. Os Cuanhamas como os Handas, os Evales e os Ombanges, são povos numerosos, esplendidamente equipados pelos allemaes, em permuta de transações commerciaes.

Afirmava-se que esses povos podiam pôr em pé de guerra quarenta a cincoenta mil homens, aguerridos, fortes com duzentos e cincoenta cavallos, pelo menos.

O que essa gente vale podem dizelo os allemaes que tendo tres mil soldados em Damaraland, tiveram de mandar para lá mais quatro mil, sendo ainda requisitados com urgencia outros quatro mil pelo chefe da expedição allemã.

O padre Leconte que esteve entre os Cuanhamas como missionario escreveu a seu respeito o seguinte:

«Nos homens entre dez não ha dois com menos de 1^m,70 de altura e muitos vão além de 1^m,80.

Ha ali um rei absoluto Eyube, que se intitula senhor do paiz.

A mãe do rei, tanto em seu nome como na qualidade de regente de seu filho mais moço Hamaloie, tem um dos logares mais importantes e os seus conselhos são ouvidos com respeito até pelos filhos já emancipados.

Os Cuanhamas são ladrões, salteadores, assassinos, emfim uns bandidos, mas em compensação é a raça mais intelligente que se conhece n'aquella parte da Africa.

A sua população é enorme, estando as aldeias muito proximas umas das outras com o fim propositado de se auxiliarem nas occasiões precisas».

A necessidade, pois, de castigar os Cuanhamas cujas incursões traziam queixosos muitos povos indigenas, levou a auctoridade militar a ordenar a organização das forças que no dia 14 de julho partiram de Mossamedes e que de 19 para 20 de setembro atravessaram o rio Cunene, acampando no territorio do inimigo, sem que até ali tivessem soffrido qualquer incidente desagradavel.

N'essa occasião, porém, a columna de operações foi atacada pelos indigenas, perdendo apenas dez praças das quaes seis auxiliares e quatro europeus.

Acampada a columna, o commandante, necessitando fazer o transporte de munições em carros boers, determinou que se procedesse a dois reconhecimentos offensivos, escolhendo para commandante do destacamento o capitão Pinto d'Almeida, que tão notavel se havia tornado já na guerra contra os namarraes e em outras companhias no ultramar.

O destacamento partiu ás cinco horas e meia da manhã, levando consigo todas as munições da columna e devendo regressar no mesmo dia.

A sete ou oito kilometros de marcha encontrou o inimigo n'uma clareira, onde havia montes enormes da chamada Salalé (formiga branca), e que os indigenas combatentes aproveitam para se occultar. Logo que rompeu o primeiro fogo do inimigo o commandante mandou formar quadrado, correspondendo á fuzilaria. Uma das faces d'esse quadrado teve que sustentar um fogo demasiado vivo. E, ou porque tivesse falta de munições, ou porque o commandante desejasse poupar-as, recorreu ao ataque de baioneta e a lucta com as azagaias corpo a corpo, foi o principal elemento do tristissimo incidente.

O quadrado não foi rôto, mas estabeleceu-se grande panico e extraordinaria confusão nas tropas irregulares, o que deu logar ao revez em que perderam a vida alguns dos nossos bravos militares.

A força destacada pelo commandante da columna, para ir em soccorro do destacamento, apenas ponde salvar alguns feridos, voltando o grosso da columna para o Humbe com todo o material e munições, sem perda d'um só volume.

O capitão Aguiar, commandante da columna foi o ultimo que metteu o seu cavallo á agua para atravessar o rio Cunene na retirada. Esta effeciuou-se com a maior ordem, apezar de ser difficilima, não havendo um unico ferido.

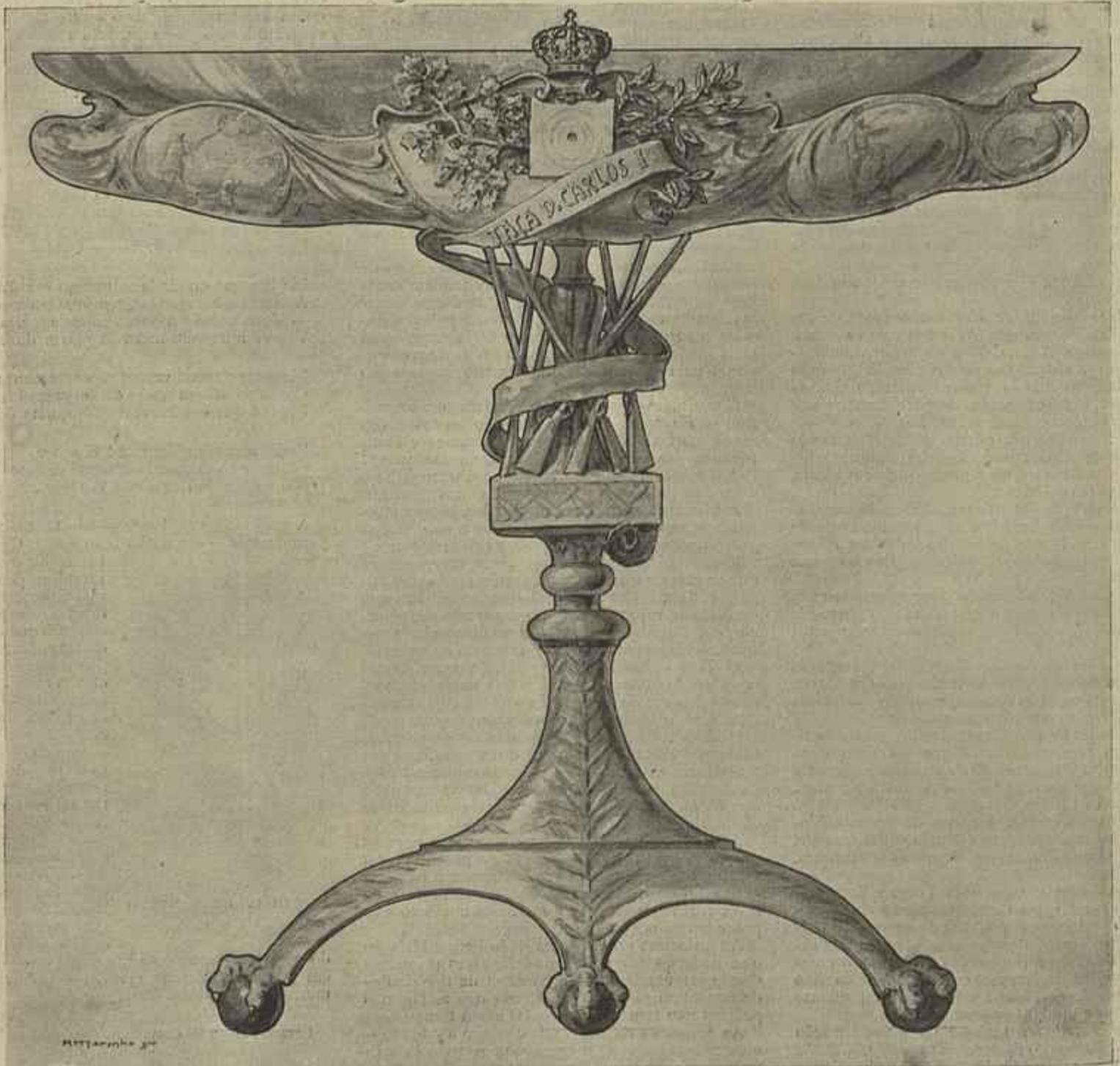
A perda total para as armas portuguezas n'este recontro com os Cuanhamas foi de duzentos e cincoenta e nove homens, entre officiaes superiores inferiores, e soldados, todos da guarnição da provincia, e cento e quarenta e cinco indigenas.



EDUARDO NORONHA



SENNÁ CARDOSO



TAÇA D. CARLOS I — PREMIO INSTITUIDO PELA REDACÇÃO DO «TIRO E SPORT» PARA UM CAMPEONATO DE TIRO NACIONAL
 Desenho do sr. Pedro Guedes e execução do sr. Emilio da Silva Carvalho, da firma Teixeira & C.^a

"PARIS EM LISBOA"



VISTA GERAL DOS SALÕES



PROPRIETARIOS E PESSOAL SUPERIOR DO «PARIS EM LISBOA»
(Clichés da Photographia Bobene)

"PARIS EM LISBOA"

Paris em Lisboa

E' este um titulo suggestivo e bem apropriado ao importante estabelecimento que o adoptou.

Não ha ninguem que não conheça esta importante casa da Rua Garrett, luxuosamente installada, notavelmente sortida, que expõe sempre nas suas *montres* e *toilettes* mais ricas, de mais apurado gosto e requintado *chic*, e que justamente rivalisa com as suas congêneres do estrangeiro nas installações grandiosas e no sortido notavel do que a moda lá fóra produz de melhora mais elegante.

São seus proprietarios os srs. L. Arthur de Sousa e M. H. Pires Monteiro, dois cavalheiros na acepção da palavra, dois incansaveis no engrandecimento da sua casa, que além de ser fornecedora de S. M. a Rainha, senhora D. Amélia, tão frequentada e da nosa aristocracia e da mais escolhida sociedade.

Annualmente os proprie-



VISTA EXTERIOR DO «PARIS EM LISBOA»

tarios do *Paris em Lisboa* visitam os centros da moda, Paris, Londres e Berlim, regressando com as altas novidades ali em evidencia no grande mundo d'aquelles tres paizes, afim de sortirem o seu estabelecimento á altura de tão illustre clientella.

Paris em Lisboa confeciona nos seus *ateliers* as mais caprichosas *toilettes* de alta phantasia e do genero de alfayate, sob a direcção de dois parisienses de grande valor artistico que teem a seu cargo as officinas onde o pessoal obreiro chega a atingir muitas vezes o numero de oitenta individuos.

As installações do *Paris em Lisboa* occupam a loja, sobre loja e todo o primeiro andar, sendo nas lojas feita a venda dos artigos a retalho e no 1.º andar os artigos já confecionados.

As nossas gravuras representam o edificio onde está installado o *Paris em Lisboa*, parte das installações interiores e todo o pessoal superior de tão importante estabelecimento.



SECÇÃO DE CONFECCOES



GABINETE DE PROVAS



SECÇÃO DE CHAPÉUS
(Cliches da photographia Bobone)

LICÇÕES DE PHOTOGRAPHIA

As lanternas de laboratorio são innumeras, mas, em geral, não se prestam senão para o fim a que toram construidas. Dillemann pretendeu facilitar o uso de uma fonte luminosa tornando o fundo da lanterna e a chaminé moveis. Em vez d'esta ultima, collocou uma rolha especial a qual permite substituir uma lampada de incandescencia situada então, no alto da lanterna. Por meio de diversos fundos collocados na lanterna, uns em vez de outros, poder-se empregar o gaz, a vela, o petroleo, o azeite, etc.

Garante-se a ventilação por uma dupla parede perforada que dá origem a uma grande circulação d'ar, indispensavel, sobretudo, se empregarmos o petroleo ou azeite.

Os vidros são vermelhos e amarello de um lado, e verde e amarello do outro. Seja qual fór o lado que utilizemos, levantando um dos vidros de deante, poderemos examinar o cliché á luz amarella.

Para isso o vidro vermelho e o verde são sustidos por um colchete que basta levantar-o de baixo para cima e fixar á altura desejada, fazendo-o girar ao longo das ranhuras praticada nos encaixes.

A serie de reformas praticadas pelo provedor Margiochi constitue um extenso capitulo da longa historia d'aquelle estabelecimento de caridade. Margiochi compenetrara-se maravilhosamente do que deve ser uma instituicao da indole da Casa Pia.

A *universidade plebeia*, de Pina Manique, foi radicalmente transformada por Margiochi, de molde a desenvolver as aptidões incipientes dos educandos e a alargar-lhes os horizontes intellectuaes. Margiochi defendia o principio de que não ha ninguem que não tenha geito para alguma coisa; a questião está em descobrir, incitar e cultivar essa aptidão. Foi na exemplificação d'essa luminosa idéa que Margiochi conseguiu em curtos annos apresentar uma pleiade de rapazes que se tem distinguido nos ramos mais variados da actividade humana e que bem dizem o nome d'aquelle a quem devem a sua prosperidade.

Ha cerca de um anno que um grupo de rapazes lhe prestou a devida homenagem de gratidão, offerecendo-lhe um album e uma mensagem.

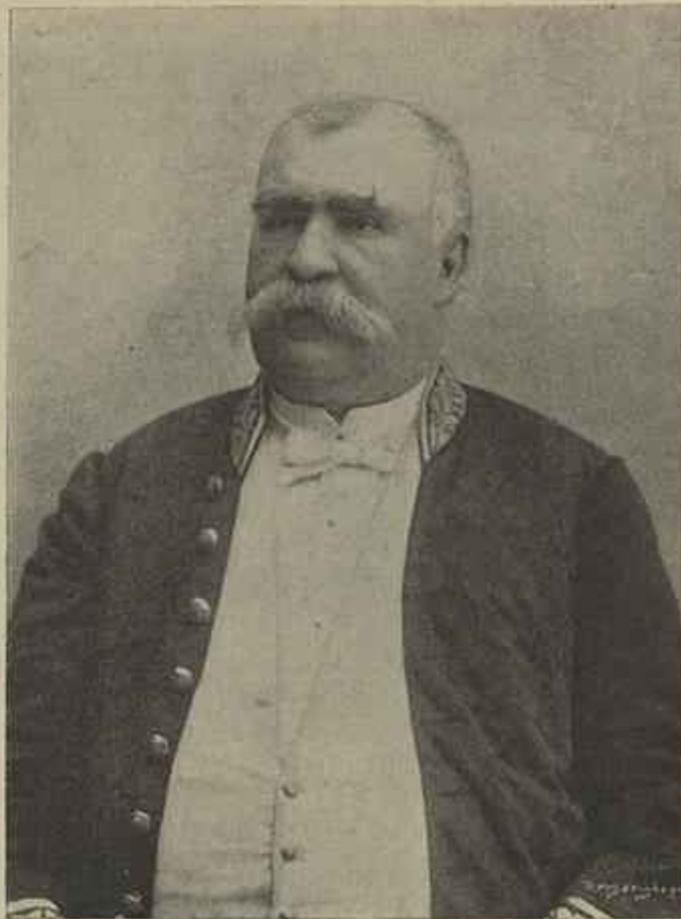
Um d'elles, o sr. Pedro Guedes, apreciado artista, acaba de pintar o retrato a oleo do seu bom provedor, o qual se destina á Casa Pia.

Margiochi iniciou as suas reformas pela abolição dos castigos corporaes, reorganizou o ensino, introduzindo o canto choral e a musica, criou a bibliotheca e museu escolares, promoveu as conferencias dominicaes, etc. Montou officinas - escolas de sapateiro, carpinteiro, serralheiro, relojoaria, etc., para cuja direcção escolheu pessoal de reconhecida competencia.

Margiochi fez na Casa Pia o que Pombal, cujos feitos elle admirava, havia praticado em todo o paiz. Para a officina-escola de relojoaria, de que já houvera similar em Portugal no tempo de Pombal, escolheu, como director tecnico, o bem conhecido relojoeiro constructor sr. Augusto J. d'Araujo, a quem Margiochi tributou sempre sincera estima.

O enraizado amor que Margiochi professava pela agricultura levou-o a criar n'aquelle estabelecimento uma escola de agricultura e jardinagem, cuja organização mereceu entusiasticos applausos. De facto, havia ali um conjuncto de elementos que, intelligentemente aproveitados, constituíam uma excellente escola agricola. Eram elles: — o muzeu agricola, o laboratorio chimico com o respectivo campo experimental, uma extensa cerca com mais de 40 hectáreas, e, para feliz complemento, um nucleo de rapazes que revelavam decidida propensão para a agricultura.

Uma falsa comprehensão das cousas determinou a derrocada d'essa escola e d'outras obras que tinham sido o enlevo de Margiochi. De pre-



FRANCISCO SIMÕES MARGIOCHI

ver é, pois, o desgosto que esse facto lhe causou.

Consta-nos que o sr. Costa Pinto, actual provedor, conscio da proficuidade dos trabalhos de Margiochi, tem continuado algumas das suas reformas.

Margiochi prestou desinteressado e valioso concurso a muitas associações, que a elle devem o apogeu em que se encontram. A Real Sociedade de Horticultura, de que Margiochi foi presidente, deve-lhe muitissimo. Assignalados serviços d'elle recebeu a Associação da Imprensa, de cuja direcção foi presidente, e a Sociedade Almeida Garrett, onde era vice-presidente.

Outras importantes aggregações, tanto nacionaes, como estrangeiras, o contavam entre os

seus mais prestimosos membros. Era socio da Sociedade de Geographia, da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa, da Associação dos Architectos, da Sociedade das Sciencias Agronomicas, de la Société des Agricultures de France, etc.

Margiochi recusou sempre obstinadamente quaesquer titulos ou veneras que não traduzissem unica e simplesmente o reconhecimento dos serviços que prestára ao paiz e o entranhado amor ao estudo — unicos pergaminhos por que se nobilitaram seus maiores.

Nunca acceptou a carta de conselho. Não obstante, muitos chamavam-lhe conselheiro, o que deveras lhe desagradava.

Rodrigues Sampaio, seu dilecto amigo, quizera um dia conferir-lhe uma d'essas honrarias que constituem o enlevo e a coibça de muitos; mas Margiochi cortezmente recusou a generosa e amigavel distincção.

Synthetizam admiravelmente a sua personalidade estas palavras, que recortamos d'uma carta que Margiochi dirigira ao seu bom amigo Salvador Gamito, e que foi publicada na *Agricultura Nacional*.

«Estudar e trabalhar tem sido sempre as occupações da minha vida. Não pedi nem pedirei nunca recompensa aos meus trabalhos, traduzida em remuneração pecuniaria ou em honrarias.»

«Sou portuguez; na minha familia contam-se bons, desinteressados e leaes servidores de Portugal. Para honrar a tradição de meus maiores e, por devoção propria, tenho trabalhado e trabalharei sempre em favor do seu engrandecimento.»

Margiochi trabalhou sempre, cumprindo fielmente a sua palavra. Combater a rotina e a ignorancia foi todo o seu empenho.

O seu organismo, que ainda ultimamente apresentava grande robustez, de que Margiochi muito se orgulhava, foi ianiquilado em poucos dias pela terrivel diabetes, que, certamente, de ha muito, lhe vinha produzindo sensiveis estragos. A sepultura hiante sumiu para sempre o corpo d'esse homem cuja bondade muito lhe prejudicou a existencia, fadada para maiores auspicios.

Abençoada seja, pois, a memoria d'aquelle que soube tão nobremente honrar o seu nome, escrevendo mais uma pagina gloriosa a acrescentar á historia dos seus antecessores, e que legou ao seu paiz um tão alevantado exemplo de civismo. O nome de Margiochi perdurará na historia da agricultura portugueza como um dos seus mais intemeratos defensores e um dos que mais cooperaram para a sua prosperidade.

José Augusto Macedo d'Oliveira.

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

LUIZ PINTO MOITINHO

Ourivesaria e Joalheria

Casa fundada em 1790

67 e 69, Rua da Prata, esquina da Rua dos Retrozeiros, 52, 54 e 56

LISBOA

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 71, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS | Senhoras — ás 10 horas da manhã

Homens — ás 3 e da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

Patisserie Internationale

Porto & Com.ª

53, Avenida da Liberdade, 53, LISBOA

Todos os dias ha variedade em doces e bolos de todas as qualidades e continua esta tão já acreditada casa a receber das nossas provincias as suas melhores especialidades.

FORNECE LUNCHS, SOIREES E BAILES

Bilhetes postaes illustrados

Edição Faustino A. Martins

Praça de Luiz de Camões, 35 — LISBOA

Esta edição é a mais notavel que existe em Portugal não só pela grande variedade e escolha de assumpto, como pela nitidez e perfeição artistica.

A edição Martins comprehende já cerca de 1000 variedades entre as quaes figuram a Família Real Portugueza e todos os soberanos agrupados por dynastias; monumentos, edificios notaveis, vistas de Lisboa e muitos pontos do paiz, assumptos militares, maritimos, agricolas, tauro-machicos, theatraes, vultos notaveis em todas as sciencias, etc., etc.

Cada duzia 200 réis. Para revender condições muito vantajosas